

## **Nomes próprios na onomástica cognitiva: Significado e categorização de nomes próprios**

Katalin Reszegi

[reszegikatalin@mnytud.arts.unideb.hu](mailto:reszegikatalin@mnytud.arts.unideb.hu)

<https://orcid.org/0000-0002-4443-3284>

Universidade de Debrecen

Traduzido por

Rodrigo Smaha Lopes

<https://orcid.org/0000-0002-5674-7248>

**Resumo:** Este artigo teórico fornece uma visão geral sobre como nomes próprios e diferentes tipos de nomes existem no sistema mental, além de propor novas soluções baseadas na perspectiva cognitiva em conexão com antigas questões da teoria do nome. A onomástica cognitiva é uma abordagem relativamente nova para o estudo de nomes próprios baseada em uma abordagem cognitiva da linguagem. Nesse contexto, os nomes como elementos linguísticos são partes do sistema cognitivo, portanto, a representação mental e o uso de nomes próprios podem ser descritos por processos cognitivos gerais. A visão geral dos tópicos e direções da pesquisa onomástica cognitiva mostra que estudar nomes e nomear em uma estrutura cognitiva tem um grande potencial. Ao fornecer mais evidências das vantagens da abordagem cognitiva, este artigo discute duas questões controversas da teoria do nome. Primeiramente, aborda-se o significado dos nomes próprios a partir de uma perspectiva cognitiva, apontando a complexa matriz de significados dessa classe de palavras; em seguida, discute-se a categorização dos nomes próprios, ou seja, como as redes e subredes de nomes emergem no léxico mental.

**Palavras-chave:** Onomástica Cognitiva, semântica dos nomes próprios, categorização dos nomes próprios, léxico mental, vocabulário onomástico.

**Abstract:** This theoretical paper gives an overview about how proper names and different name types exist in the mental system, also showing new solutions provided by the cognitive perspective in connection with old questions of name theory. Cognitive onomastics is a relatively new approach to the study of proper names based on a cognitive approach to language. In this framework, names as linguistic elements are parts of the cognitive system, thus mental representation and usage of proper names can be described by general cognitive processes. The overview of topics and directions of cognitive onomastic research shows that studying names and naming in a cognitive framework has great potential. Providing further evidence of the advantages of the cognitive approach, the paper discusses two controversial issues of name theory. First, the meaning of proper names is addressed from a cognitive perspective, pointing out the complex meaning matrix of this word class; then the categorization of proper names is discussed, i.e., how the networks and subnetworks of names emerge within the mental lexicon.

**Keywords:** cognitive onomastics, semantics of proper names, categorization of proper names, mental lexicon, onomasticon.

### **Introdução**

A onomástica cognitiva é uma abordagem relativamente nova para o estudo de nomes próprios com base em uma abordagem cognitiva da linguagem, usando a estrutura da linguística cognitiva e outras ciências cognitivas. A principal característica que diferencia a onomástica cognitiva da onomástica é o foco nos aspectos cognitivos. Os nomes como elementos

linguísticos são partes do sistema cognitivo, logo, a representação mental e o uso de nomes próprios precisam ser descritos por processos cognitivos gerais (KARPENKO, 2006; RESZEGI, 2022c).

Este artigo oferece uma visão geral sobre como os nomes próprios e os diferentes tipos de nomes existem no sistema mental, mostrando novas soluções fornecidas pela perspectiva cognitiva em conexão com antigas questões da teoria dos nomes. Este estudo está dividido em três seções. A primeira fornece uma breve visão geral da abordagem cognitiva em onomástica, demonstrando a importância e as possibilidades da onomástica cognitiva. A segunda traz uma discussão detalhada sobre o significado dos nomes próprios em uma estrutura cognitiva, baseando-se basicamente na gramática cognitiva de Ronald Langacker, apontando a complexa matriz de significado dessa classe de palavras. E a terceira seção descreve como a categorização funciona em relação a nomes próprios, ou seja, como as redes e subredes multidimensionais dinâmicas de tipos de nomes emergentes dentro do léxico mental podem ser descritas.

## **1. Abordagem Cognitiva na Onomástica**

**1.1.** Nas ciências humanas, o quadro teórico aplicado é crucial, pois determina os limites dentro dos quais os pesquisadores podem pensar sobre seu objeto de pesquisa, quais características fundamentais atribuem a ele e o que consideram importante investigar. Na primeira metade do século XX, a linguística e a psicologia foram dominadas pelo estruturalismo e pelo behaviorismo, respectivamente. Essas teorias descreviam a linguagem e o comportamento isoladamente do contexto biológico e social do ser humano. Na década de 1960, a virada cognitiva na psicologia trouxe mudanças fundamentais a esse respeito, concentrando a atenção nos processos cognitivos. Aspectos do comportamento humano começaram a ser interpretados e estudados como manifestações de diferentes funções cognitivas, e a cognição foi concebida como a construção e processamento de modelos que representam o mundo. Esta abordagem foi adotada em muitas disciplinas (filosofia, linguística, antropologia, biologia,

neurociência, matemática etc.) e desencadeou pesquisas interdisciplinares sobre a natureza do conhecimento e o funcionamento de diferentes funções cognitivas (GARDNER, 1992: 17, 19; MILLER, 2003).

A linguística cognitiva começou no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 (cf. a gramática cognitiva de Ronald Langacker, a teoria da metáfora cognitiva de George Lakoff, a semântica de frames de Charles Fillmore e a semântica cognitiva de Leonard Talmy). Ainda hoje, o termo linguística cognitiva denota modelos diferentes, concorrentes, mas complementares, que compartilham princípios comuns. Eles consideram a linguagem como uma das faces do conhecimento emergindo do uso e da experiência que reflete “aspectos sociais, culturais, psicológicos, comunicativos e funcionais e só pode ser compreendido no contexto de uma visão realista de sua aquisição, desenvolvimento cognitivo e processos mentais”<sup>1</sup> (TAYLOR, 2002). A linguagem não é um módulo independente, um sistema estático e abstrato de regras que opera sobre um conjunto de elementos, que pode ser descrito por seus próprios princípios operacionais. Em vez disso, os linguistas cognitivos enfatizam a relação orgânica entre a linguagem e outras funções cognitivas. A linguagem é uma das funções cognitivas que desempenha um papel fundamental no processamento da experiência e da informação sobre o mundo, na categorização. Portanto, eles descrevem a linguagem por meio de mecanismos cognitivos gerais, como correspondência de padrões, analogia, categorização, esquemas, aprendizado estatístico, leitura de intenção e assim por diante. Conseqüentemente, as propriedades linguísticas e características cognitivas como a categorização prototípica, o dinamismo da semântica, a natureza probabilística dos processos linguísticos etc. – que antes eram consideradas principalmente como fatores secundários ou incidentais na linguagem – são caracteres integrais essenciais da linguagem.

---

<sup>1</sup> “social, cultural, psychological, communicative and functional aspects and it can only be understood in the context of a realistic view of its acquisition, cognitive development and mental processes”.

**1.2.** A pesquisa de nomes sempre esteve aberta às abordagens e resultados de outros campos da linguística e de outras disciplinas e sempre procurou considerar fatores extralinguísticos na explicação dos elementos linguísticos. Os princípios básicos da abordagem cognitiva – enfocando os aspectos mentais; a abordagem funcionalista da linguagem, baseada no uso – nunca estiveram longe dos onomásticos. Por exemplo, na pesquisa de nomes húngaros, a perspectiva psicológica pode ser rastreada até a pesquisa de Lajos Lőrincze, que tentou reconstruir as diferenças na situação psicológica relacionada à criação e mudança de nomes (1947). A natureza contínua das categorias de nomes também era conhecida no século XX na onomástica (SOLTÉSZ, 1979). Além disso, um dos pontos essenciais das diferentes tipologias de nomes (HOFFMANN, 2007; KIVINIEMI, 1975; AINIALA, SAARELMA & SJÖBLOM 2016: 72-75) e a análise a partir deles é explorar os fatores extralinguísticos de nomeação. Em suas explicações, os pesquisadores procuram considerar não apenas os aspectos sociais, mas também as características do pensamento humano. Todavia, em alguns casos, o suposto conhecimento dos usuários do nome se confunde com o ponto de vista do pesquisador, e na maioria das vezes não há um modelo abrangente sobre o sistema cognitivo e os processos cognitivos por trás dessas explicações, exceto a psicologia do senso comum.

A onomástica cognitiva, porém, significa lidar com nomes e uso de nomes como conhecimento no sistema mental, identificando as matrizes cognitivas de processamento de nomes próprios, usando uma estrutura linguística cognitiva abrangente. Essas estruturas surgiram nos estudos onomásticos por volta dos anos 2000. Na onomástica cognitiva, as teorias mais influentes da linguística cognitiva são usadas para reinterpretar questões de teoria e uso de nomes, mais frequentemente a gramática cognitiva de Ronald Langacker (1987; 1991) e a metáfora conceitual de George Lakoff e as teorias de metonímia conceitual (LAKOFF & JOHNSON, 1980), além disso, outros modelos de linguística cognitiva também aparecem em certos estudos de nomes, como o modelo de rede baseado no uso de Joan Bybee (1998; 2006;

2010), a gramática construtivista radical de William Croft (2001), ou a teoria do modelo de mundo linguístico de Sándor Szilágyi N. (1996). Curiosamente, embora os primeiros modelos significativos de linguística cognitiva tenham sido desenvolvidos por linguistas americanos e posteriormente incorporados por linguistas europeus, não há vantagem semelhante no campo da pesquisa de nomes para pesquisadores americanos e, até hoje, a maioria dos onomásticos europeus empreendem esta tarefa: inicialmente, pesquisadores da Europa Ocidental, bem como russos e ucranianos, seguidos por onomásticos da Europa Central. Nos últimos anos, pesquisadores de outras partes do mundo também perceberam as vantagens da abordagem cognitiva.

Reinterpretar a nomeação e o uso de nomes na estrutura cognitiva, com foco nos aspectos mentais desses processos, não significa simplesmente mudar a terminologia, mas abre novas possibilidades para a compreensão dos fenômenos onomásticos. Ao contrário do curto período, a onomástica cognitiva alcançou resultados notáveis. Olena Karpenko (2006) estudou a representação, funcionamento e transformação de nomes no léxico mental (ver também ALEKSIIEVA, 2021), a semântica de nomes próprios também foi abordada de uma perspectiva cognitiva por vários pesquisadores (SJÖBLOM, 2006; VAN LANGENDONCK, 2007; TOLCSVAI NAGY, 2008; RESZEGI 2018a). Há esforços para reinterpretar os mecanismos de nomeação de lugares na estrutura cognitiva, uma vez que nomear é um ato cognitivo (HOFFMANN, 2007: 40). Dessa forma, contradições tipológicas podem ser resolvidas, por exemplo, em relação à nomeação metonímica e metafórica (BROZOVIĆ RONČEVIĆ & ŽIC FUCHS, 2005; DOBRIĆ, 2010; RESZEGI, 2022a; 2022b). Nosso conhecimento das características formais de nomes e formantes de nomes<sup>2</sup> se desenvolve

---

<sup>2</sup> Em muitos casos, os nomes próprios são reconhecidos em sua função como nomes com base em certas características formais, esses elementos linguísticos característicos dos diferentes tipos de nomes próprios são chamados de formantes de nomes. Por exemplo, em húngaro, a sufixação é considerada uma forma significativa de dar nomes a lugares, mas substantivos comuns geográficos também podem ser usados como topoforantes (lexicais). *“In a lot of cases, proper names are recognized in their function as names based on certain formal features, these linguistic elements characteristic of the different types of proper names are called name formants.*

gradualmente como parte da aquisição da linguagem e funciona de forma analógica. Com base nesse conhecimento, também podemos criar nomes. Os mecanismos cognitivos desse processo podem ser descritos usando o termo *construção e estrutura composta* (LEINO, 2006; 2007; RESZEGI, 2019). A estrutura cognitiva também foi aplicada com sucesso na reinterpretação, entre outros, do surgimento do sistema de sobrenome húngaro (SLÍZ, 2008a; 2008b; LÁNCZ, 2011), da criação de apelidos ucranianos (SHULSKA, HROMYK & YAVORSKYI, 2018), da metáfora em onomástica Ekegusii, uma língua bantu africana (ONCHOKE, 2018), e da criação e recepção de nomes próprios literários (RACHUT, 2021).

Além disso, a aplicação da visão cognitiva abre novas direções de pesquisa para estudiosos que trabalham com nomes, tais aspectos de nomeação e uso de nomes podem ser analisados que não apareceram na pesquisa onomástica antes. De acordo com o modelo holístico do sistema cognitivo, existem relações orgânicas entre nossas representações espaciais, o mapa cognitivo e as representações de nomes de lugares. Essa relação fornece a base para qualquer estudo que tente inferir a experiência espacial dos doadores de nomes por meio do exame de nomes de lugares. Esse tópico levanta várias novas questões e possíveis direções de pesquisa, como o papel dos nomes de lugares na conceituação espacial (HEINRICH, 2000; RESZEGI, 2020), a aquisição de conhecimento espacial e topônimos (RESZEGI, 2016), ou o estudo de percepção espacial de pessoas em tempos anteriores por meio da investigação do uso de nomes em textos antigos (RESZEGI & KENYHERCZ, 2023). Também houve tentativas de incorporar resultados experimentais psicolinguísticos e neurolinguísticos sobre a representação mental e neural de nomes na descrição cognitiva de nomes próprios (RESZEGI, 2018b; NOVIKOVA, 2018; ALEKSIEIEVA, 2021). Dessa forma, os diferentes níveis de nomeação e uso de nomes (níveis neural, mental e comunitário) podem ser examinados em relação um ao outro.

---

*For example, in Hungarian, suffixation is considered a significant way of place name giving, but geographical common nouns can also be used as (lexical) toponyms.*"

A visão geral dos tópicos e direções de pesquisa mostra que estudar nomes e uso de nomes em uma estrutura cognitiva tem grande potencial. As próximas duas seções tratam de dois aspectos essenciais dos nomes que foram abordados por vários onomásticos cognitivos, a semântica dos nomes e a categorização dos nomes próprios, fornecendo mais evidências das vantagens da abordagem cognitiva e apontando a lacuna da teoria.

## **2. O significado dos nomes próprios**

**2.1.** Uma das questões mais controversas da teoria do nome é o significado dos nomes, ou seja, se os nomes têm um significado e, em caso afirmativo, que tipo de significado pode ser. Uma visão extrema é que nomes próprios são rótulos sem significado (MILL, 1872; KRIPKE, 1972);<sup>3</sup> em contraste, existem teorias sobre o significado dos nomes, algumas das quais interpretam o significado dos nomes como se referindo ao denotatum (JESPERSEN, 1924/1992: 65-66),<sup>4</sup> enquanto outros descrevem a complexa estrutura semântica dos nomes (SOLTÉSZ, 1979; VAN LANGENDONCK, 2007).

É fácil compreender que se os nomes não tivessem sentido, não haveria essencialmente nada que os distinguisse das sequências sonoras sem sentido (não-palavras e pseudo-palavras, como são referidos na psicolinguística; cf. VAN LANGENDONCK, 2013: 107). A criação e o uso de nomes não podem ser explicados apenas por sua função de identificação. Por exemplo, o uso de diferentes variantes de nomes, nomes informais ou gírias, a criação de pares de nomes em diferentes idiomas e as diferentes formas de se relacionar com eles não podem ser justificados dessa forma. O propósito de criar um nome pode ser muito mais do que uma identificação, pode ser expressar uma impressão, uma atitude, fortalecer a identidade do grupo etc. Portanto, os pesquisadores de nomes têm falado há muito tempo sobre o significado

---

<sup>3</sup> As análises lógico-filosóficas e a semântica formal não abordam os nomes sob a ótica do uso da linguagem natural, mas sob o valor de verdade das proposições, portanto, enfocam a propriedade referencial dos nomes próprios.

<sup>4</sup> Segundo Jespersen, como a extensão dos nomes é pequena (apenas um referente), a intensão e o significado deles é amplo (1924/1992: 66).

complexo dos nomes, diferenciando vários componentes de significado, por exemplo, significados denotativos, categóricos, culturais, etimológicos e associativos (SOLTÉSZ, 1979); ou como partes do significado pressuposicional: significados categóricos, associativos, emotivos e gramaticais (VAN LANGENDONCK, 2007). Essa abordagem é muito próxima da linguística cognitiva e parece ser apoiada pelos resultados de estudos experimentais sobre a extensa representação mental e neural de nomes (RESZEGI, 2018b).

**2.2.** Certamente, a resposta a esta pergunta depende de como o significado é definido. A Linguística Cognitiva tem uma vantagem real sobre outras abordagens porque, embora se concentre principalmente nos aspectos mentais da linguagem, também tenta entender a linguagem em sua complexidade, ou seja, como a linguagem é usada na comunicação da vida real, que tipo de organização mental faz é possível.

Na linguística cognitiva, para responder à questão do significado dos nomes próprios, precisamos partir do pressuposto de que a linguagem é uma das funções cognitivas que desempenha um papel importante na cognição, na categorização do mundo. A função essencial da comunicação linguística é tornar acessível algum conteúdo significativo, portanto, toda expressão linguística transmite significado e, claro, palavras, morfemas, expressões têm significado, assim como nomes (LANGACKER, 1987; TOLCSVAI NAGY, 2008: 39; RESZEGI, 2022c). Devido à ligação orgânica entre mente e linguagem, o significado é de natureza conceitual, ou seja, é baseado em representações conceituais. Essas representações conceituais são geradas com base em entradas perceptivas percebidas pelo sistema perceptivo de tal forma que, no processo de cognição, o sistema cognitivo organiza esses elementos abstratos de conhecimento em domínios conceituais. Alguns dos elementos do conhecimento são mais salientes, enquanto outros são menos proeminentes ou nem um pouco proeminentes. As representações conceituais são dinâmicas e moldadas pela experiência (YEE, 2017).<sup>5</sup>

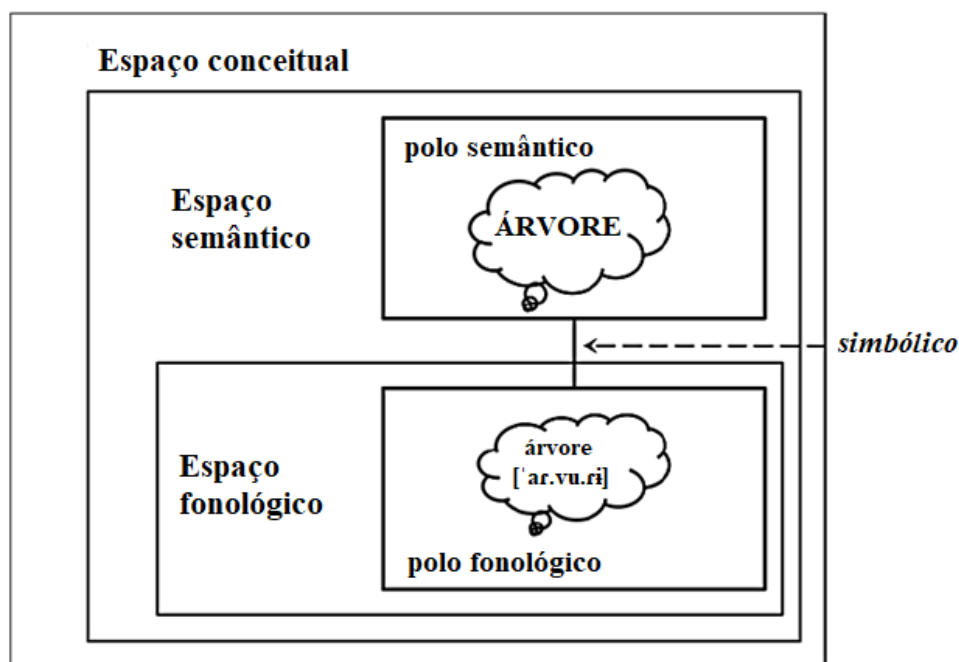
---

<sup>5</sup> Visto que estudos experimentais mostram conceitos e a memória semântica é fluida. Esse tipo de maleabilidade existe não apenas na infância, mas também no sistema semântico maduro. Ele sugere que “a mesma arquitetura



Normalmente, essas representações conceituais esquemáticas funcionam como significado (polo semântico) em uma relação orgânica com uma estrutura fonológica, o polo fonológico (LANGACKER, 1987: 11-12). Os dois polos compõem uma unidade simbólica que é ao mesmo tempo motivada e convencionalizada, ou seja, cognitivamente entrincheirada pelo uso (GŁAZ, 2017). Portanto, não há significado linguístico estreito que seja distinto da representação conceitual.

Figura 1 Modelo de unidade simbólica de Langacker (cf. Glaz, 2017).



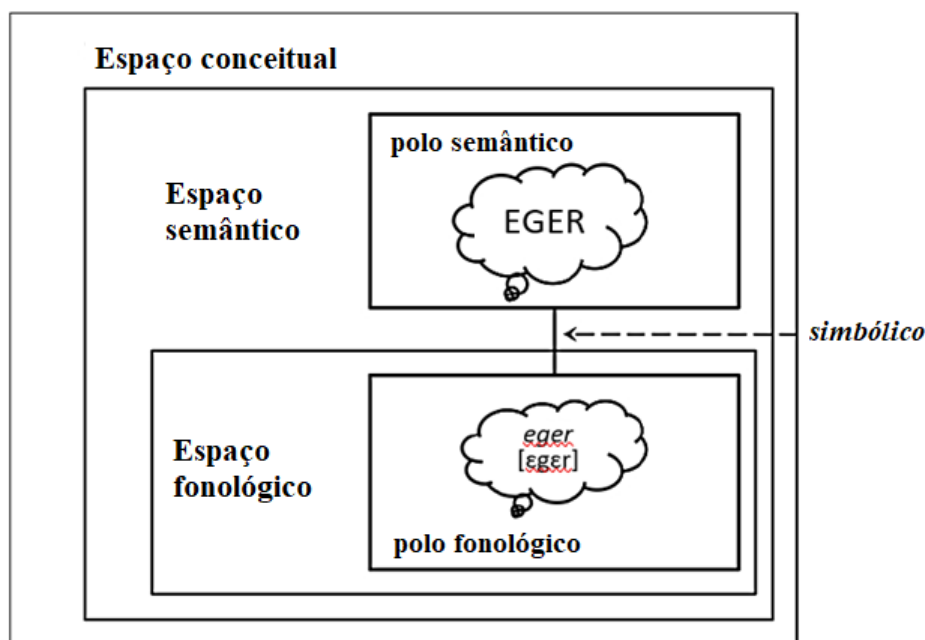
Também é importante enfatizar que “o significado não é um fenômeno estático, mas um processo”<sup>6</sup> (Sjöblom, 2006: 67), emergente durante o uso real da língua. O conteúdo semântico é altamente dependente do contexto, ou seja, muda em consequência do contexto que cada indivíduo traz consigo (por exemplo, via objetivos atuais, experiência recente, experiência de longo prazo etc.) (YEE, 2017).

que, na infância, permite que o sistema semântico se desenvolva por meio de interações com o mundo, também permite que o sistema semântico maduro seja sensível e mude como consequência dos contextos cada vez mais ricos em que nós, como humanos, continuamos a nos desenvolver” (YEE, 2017: 251-252). “the same architecture that, in infancy, permits the semantic system to develop through interactions with the world, also allows the mature semantic system to be sensitive to, and change as a consequence of, the ever-richer contexts in which we, as humans, continue to develop”.

<sup>6</sup> “meaning is not a static phenomenon but a process”.

**2.3.** Os nomes tornam algum conteúdo significativo acessível na comunicação, por isso também possuem um significado conceitual, uma matriz semântica complexa (LANGACKER, 2008: 316). Basicamente, a representação conceitual do referente do nome funciona como um significado ligado à forma fonológica do nome de forma orgânica.

Figura 2 *Unidade simbólica dos nomes próprios*



A característica mais definidora do significado dos nomes próprios é que eles se referem a uma única entidade, ou seja, os elementos de conhecimento sobre um único pedaço da realidade formam a base do significado conceitual do nome.<sup>7</sup> Assim, os nomes próprios podem cumprir sua função de identificação comunicativa mesmo sem contexto, ou seja, são inerentemente fundamentados. Embora, é claro, não sejam usados sem contexto, mas como parte de enunciados, como qualquer outro elemento linguístico, e nos casos de homonímia de nomes próprios, precisamos do contexto para fundamentar o nome (ver subitem 3.4.). A natureza inerentemente fundamentada dos nomes pode ser compreendida em comparação com os substantivos comuns. Enquanto um nome próprio torna um ser único, os substantivos

<sup>7</sup> Citando Olena Karpenko, os nomes fazem parte do uso da linguagem, os quais existem em nosso sistema mental como conceitos onímicos (2006).

comuns concentram a atenção nas semelhanças das coisas. Os substantivos comuns designam um grupo de coisas, uma categoria, e podem ser usados “para referência geral ou referindo-se a seres individuais particulares”<sup>8</sup> (SJÖBLOM, 2006: 67-68). Contudo, para tanto, um substantivo comum precisa ser fundamentado em um determinado contexto, usando outros elementos linguísticos (LANGACKER, 2008: 264-269).

Dependendo do tipo de referente, a estrutura de significado dos nomes próprios pode incluir diferentes tipos de elementos de conhecimento. No caso de uma pessoa, por exemplo, sua aparência, sexo, voz, temperamento, inteligência são todos mapeados e organizados em domínios conceituais como características pessoais, mas também podemos ter conhecimento de seu status na família, no trabalho etc. Da mesma forma, os nomes de lugares também têm uma representação conceitual complexa que inclui tanto a imagem do lugar (ruas, edifícios etc.), nosso conhecimento de sua localização, sua relação com outros lugares, eventos relacionados ao lugar, nosso conhecimento dos habitantes, tipo de conhecimento cultural etc. A representação de um nome também inclui elementos de conhecimento sobre a forma do nome e o uso do nome, bem como associações desencadeadas pelo referente e a forma do nome. Uma forma de nome ativa essas relações como um canal para uma rede complexa e extensa de significado (SJÖBLOM, 2006: 69). Essa matriz de significado emerge da experiência e pode ser caracterizada tanto pela subjetividade quanto pela convencionalidade.

O significado dos nomes pode ser completamente esquemático ou estendido, com muitas variações intermediárias, dependendo de nossa experiência e conhecimento. Por exemplo, o nome *Ernő Dohnányi* pode obviamente ser interpretado como um nome próprio, um nome pessoal, para todos os falantes nativos de húngaro. No entanto, para muitos falantes nativos de húngaro, apenas esse significado esquemático é ativado pelo nome, enquanto para os amantes da música clássica o nome pode ter um significado muito mais elaborado: *Dohnányi* era um

---

<sup>8</sup> “for general reference or referring to particular individual beings”.

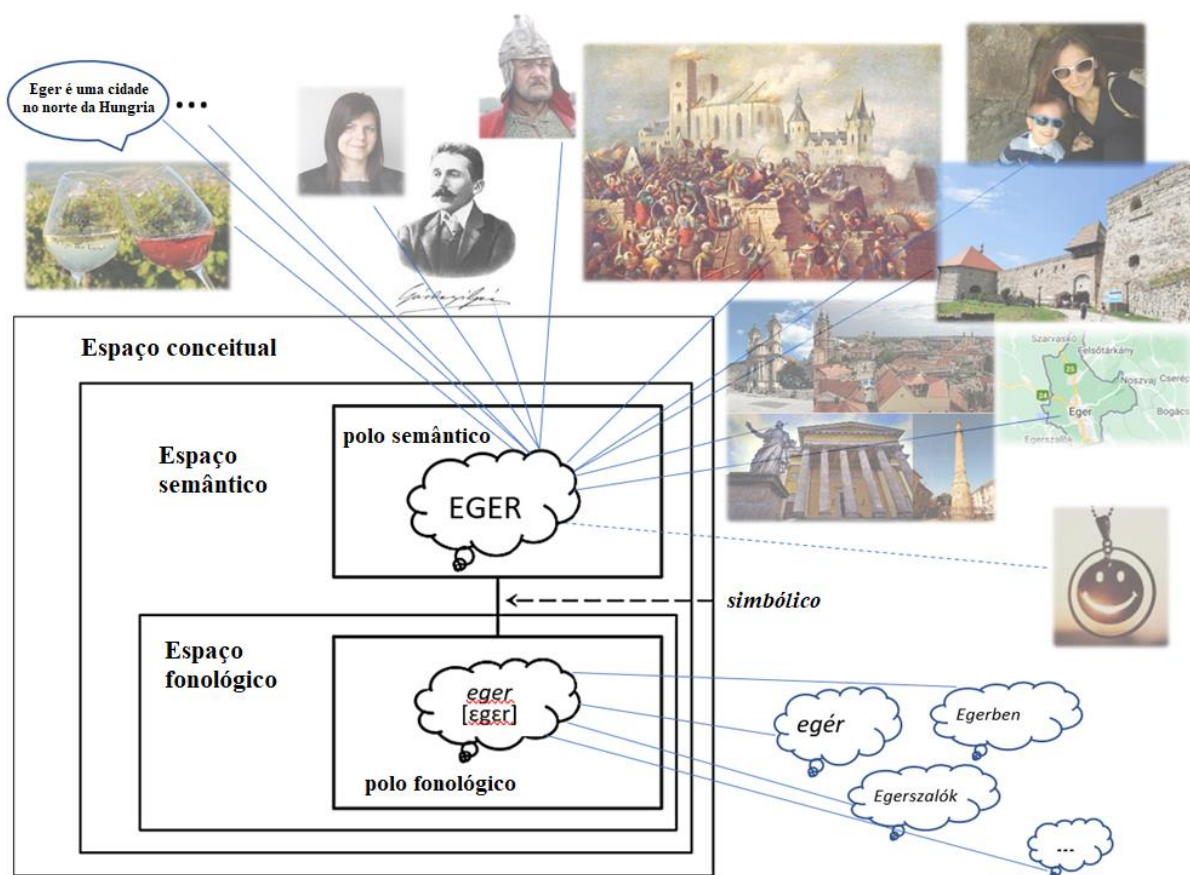
compositor e pianista, a representação de certas melodias pode fazer parte da rede etc. (TOLCSVAI NAGY, 2008: 33-35).

Para os falantes de húngaro, o nome *Eger* ativa a imagem da cidade, as ruas, o castelo de *Eger*, o minarete, o conceito de vinho *Eger*, o sabor do vinho *Eger*, mas também conhecimentos históricos como o cerco do castelo de *Eger* pelos turcos no século XVI, que é bem conhecido em toda a sociedade húngara, ou memórias do romance “Eclipse of the Crescent Moon”. A Figura 3 ilustra como esse nome pode ser representado na mente do autor deste artigo. Ele consiste em muitos elementos de conhecimento convencionais (é uma cidade; sua localização: no norte da Hungria; conhecimento cultural sobre a história da cidade; os edifícios conhecidos) e memórias subjetivas (sobre viagens e emoções). Embora também inclua informações sobre a forma do nome, como ele é usado em diferentes estruturas gramaticais, semelhanças fonotáticas com outras palavras e assim por diante.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Mapas mentais combinados podem nos ajudar a imaginar como esses elementos de conhecimento são representados na mente.

Figura 3 A representação mental subjetiva do ecotopônimo Eger<sup>10</sup>



2.4. Essa matriz de significado do nome próprio é compatível com os significados denotativos, categóricos, culturais, etimológicos e associativos usados na onomástica. Os diferentes componentes da matriz semântica, os diferentes elementos de conhecimento da representação conceitual, também podem ser descritos dessa maneira.

No entanto, há uma controvérsia quanto ao significado categórico ou de nível básico, ou seja, enquanto os nomes comuns denotam principalmente um conjunto de coisas, os nomes próprios não, citando Sándor Szilágyi N.: há muitas pessoas que se chamam Mariska, mas se chamam cada uma delas separadamente e não como membros da categoria 'Mariska' [Maria]

<sup>10</sup> Fontes das imagens: [https://hu.wikipedia.org/wiki/Eger\\_ostroma\\_%281552%29#/media/Fájl:Vízkelety\\_Béla\\_Eger\\_vár\\_ostroma\\_1552-ben.jpg](https://hu.wikipedia.org/wiki/Eger_ostroma_%281552%29#/media/Fájl:Vízkelety_Béla_Eger_vár_ostroma_1552-ben.jpg); <https://www.sumidamagazin.com/2022/09/01/tortenelmi-borvidekeink-egri-borvidek/>; <https://csodalatosmagyarorszag.hu/wp-content/uploads/2021/08/eger-var-kiallitas-dobo-istvan-muzeum-kirandulas9-csodalatosmagyarorszag-1536x863.jpg>; [https://hu.m.wikipedia.org/wiki/Fájl:Geza\\_Gardon\\_yi\\_cca\\_1900.jpg](https://hu.m.wikipedia.org/wiki/Fájl:Geza_Gardon_yi_cca_1900.jpg); [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eger\\_montage.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eger_montage.JPG); [https://www.facebook.com/ujsagmuzeum/photos/sinkovits-imre-avagy-a-várvédő-dobó-istván/527991524389673/?paipv=0&eav=AfaI4vaNfdgQ7BUlvRBY2vdup8TpsYEvIhsD7v9cjTghjCYMQgaLGjI0OqztOkvQgvM&\\_rd](https://www.facebook.com/ujsagmuzeum/photos/sinkovits-imre-avagy-a-várvédő-dobó-istván/527991524389673/?paipv=0&eav=AfaI4vaNfdgQ7BUlvRBY2vdup8TpsYEvIhsD7v9cjTghjCYMQgaLGjI0OqztOkvQgvM&_rd).

(2006). Embora obviamente não possamos esperar o mesmo tipo de categorização de nomes próprios como no caso de substantivos comuns,<sup>11</sup> que é frequentemente referido como significado lexical, há uma referência de tipo semelhante (significado categórico) no caso de nomes próprios. De nossa experiência anterior com nomes, sabemos que certas formas de nomes são normalmente usadas para denotar pessoas, membros de certos grupos ou lugares, certos tipos de lugares etc. Como diz Richard Coates: essas são “expectativas governadas por experiências do mundo” ou “fruto de observações repetidas”<sup>12</sup> (2012: 125). De acordo com a linguística cognitiva, esse tipo de conhecimento baseado no uso abstrato (esquemático) faz parte do significado, que pode ser referido como significado categórico.

Com base nesse conhecimento, quando ouvimos um nome próprio, surge uma representação conceitual primária muito esquemática do nome como resultado da especificação do tipo, ou seja, inferimos que é um nome próprio e que é o nome de uma pessoa ou um lugar etc. Isto é bem ilustrado pelos casos em que ouvimos um enunciado que contém um novo nome para nós. Citando o exemplo de Langacker (1991: 59), ao nos depararmos com o nome Stan Smith, nossa primeira reação é estabelecer que estamos lidando com um nome, e que é o nome de uma pessoa. Então, com base no nome, confiando em nosso conhecimento anterior de nomes, padrões de nomes, podemos inferir com alto grau de probabilidade a nacionalidade, sexo etc. da pessoa que leva esse nome; isso pode ativar nosso conhecimento do grupo em questão, neste caso os homens americanos. Isso é corroborado pelos experimentos que apontaram que certos tipos de nomes de pessoas evocam preconceitos ou expectativas em relação aos portadores de nomes desconhecidos (ALDRIN, 2016: 390-391).<sup>13</sup> Essa representação primária é

---

<sup>11</sup> No processo de aquisição de nomes próprios, o conteúdo conceitual dos nomes é formado por meio de processos semelhantes de classificação e categorização como a base conceitual dos substantivos comuns. No caso dos nomes próprios, entretanto, esses processos resultam na criação de categorias de um único elemento, mas essas categorias de um único elemento fazem parte de redes maiores (HANSACK, 2004).

<sup>12</sup> “*expectations governed by real-world experiences*” “*the fruit of repeated observations*”.

<sup>13</sup> Em um experimento, os participantes viram fotos de mulheres desconhecidas para eles e pediram para caracterizá-las com relação à sua amabilidade, ambição, inteligência, caráter e beleza. Dois meses depois, os participantes foram solicitados a caracterizar as mulheres novamente, desta vez, no entanto, primeiro eles foram informados sobre os nomes típicos irlandeses, italianos, judeus e anglo-saxões das mulheres. Dependendo dos

posteriormente estendida com base em ocorrências adicionais ou experiência específica (por exemplo, Stan Smith foi um campeão de tênis americano, sapatos receberam seu nome etc.), mas isso não é necessário.

Podemos, claro, usar um nome também para outro tipo de referência que seja diferente de seu significado categórico representado no sistema cognitivo, se tiver um modelo, uma tradição em nossa linguagem. No entanto, existem classes de nomes que não possuem características tão marcantes, por exemplo, nomes de cavalos (qualquer material linguístico pode servir como nome de cavalo, por exemplo, antropônimo e nome de cavalo de *Deborah Ann*, hidrônimo e nome de cavalo de *Pearl Lake*, oicônimo de e nome de cavalo *Cincinatti*, COATES, 2012: 128) ou os nomes pós-modernos de clubes e pubs, que vão contra a nomeação tradicional (como o nome do clube húngaro *Tilos az Á* ‘Á é proibido’ da tradução húngara de Ursinho Pooh). Não obstante, isto é, novamente, baseado em nossos esquemas sobre nomes em geral.

Em suma, os nomes são representados na mente como uma rede de elementos de conhecimento abstratos organizados em domínios conceituais, e alguns deles são salientes, mais proeminentes, enquanto outros não. Além disso, os nomes incluem simultaneamente referências ao tipo e ao indivíduo. Contudo, o que acontece quando eles são usados na comunicação?

**2.5.** O significado real e contextual dos nomes próprios como parte dos enunciados, são formas baseadas nessa matriz semântica conceitual e, devido à sua função referencial, o significado contextual dos nomes de pessoas é, na maioria das vezes, o componente do significado PESSOA e, no caso de nomes de lugares, o componente de significado LUGAR funciona como o significado, ou seja, na maioria das vezes os elementos de conhecimento que

---

componentes de significado atribuídos aos nomes e indicativos de nacionalidade ou religião, bem como o quão comum cada nome era, os traços associados às fotos pelos participantes na segunda ocasião foram completamente diferentes daqueles associados na primeira vez. Os participantes formaram sua opinião claramente com base em seu conhecimento dos nomes e significado do tipo (RAZNAN *apud* FORGÁCS, 1999: 85, para mais exemplos ver ALDRIN, 2016: 390-391 e RESZEGI, 2018c: 36-38).

representam a imagem da pessoa ou do lugar são ativados em um determinado contexto – e não toda a matriz. Os nomes também costumam ser úteis para se dirigir a alguém e apresentar alguém ou nos apresentar, o que também está relacionado a esse componente de significado que é tradicionalmente chamado de significado denotativo.

Contudo, outros componentes de significado também podem vir do foco de atenção em certos contextos, o que explica o uso de nomes próprios em uma função não prototípica e não identificadora. Em termos de linguística cognitiva, isso é criação de perfil ou ativação de zona (LANGACKER, 2008: 66-70, 331-334). Expressões linguísticas funcionam de maneira semelhante à percepção. Durante a percepção, interpretamos um objeto em relação ao ambiente (este é o princípio figura-fundo emprestado da psicologia da Gestalt), e em diferentes situações o mesmo objeto pode ser interpretado e conceituado de forma diferente, porque em contextos diferentes, seus diferentes aspectos podem vir a ser o foco das atenções. Da mesma forma, as expressões linguísticas evocam e ativam um quadro conceitual mais geral (background ou base) e, dentro dele, destacam uma parte (perfil). Isto também é verdade para os diferentes componentes de significado dos significados das palavras. Por exemplo, em frases como *Você sabe como Lili é*, o nome próprio pode se referir a uma variedade de características diferentes da garota em diferentes situações, dependendo do conhecimento anterior do falante e do ouvinte, mas em uma determinada situação comunicativa, uma característica atualmente relevante recebe prioridade sobre outras características.

Outros casos de uso de nomes podem ser descritos por esquemas metonímicos mais gerais. Por exemplo, em frases como *Faültetési lázban égett Sándorfalva a hétvégén*. ‘*Sándorfalva teve uma febre de plantar árvores no fim de semana*’, a ‘*América não quer outro Pearl Harbor*’, ou ‘*Paris introduziu saias mais longas nesta estação*’ não é o componente de significado LUGAR mais saliente dos topônimos que é ativado, mas no primeiro exemplo o componente de significado RESIDENTES, no caso de *Pearl Harbor* é o componente de



conhecimento EVENTO associado ao local, e no último exemplo Paris pode ser interpretada como a capital mundial da moda (KÖVECSES, 2018). Isso é o perfil, com foco em elementos de conhecimento específicos da matriz semântica do nome que são os mais relevantes no contexto dado. Esse tipo de uso não prototípico e metonímico de nomes de lugares é bastante comum, pelo menos em certos tipos de textos, como apontaram as análises de corpus (MARKERT & NISSIM, 2006).<sup>14</sup>

Se esse tipo de uso do nome se torna frequente ou dominante nas interações sociais, pode ter um impacto na representação mental do nome, reorganizando sua estrutura, seu significado, pois todo evento de uso, toda produção e processamento de enunciados modifica a rede linguística dinâmica, as representações linguísticas de alguma forma, mesmo que sejam arraigadas e convencionalizadas. Novos significados podem emergir de antigos, porque “em cada evento de uso, falante e ouvinte se envolvem na negociação de (novos) significados. Os contextos variados de eventos de uso convidam [os parceiros comunicativos] a fazer inferências que interpretam, enriquecem e modificam o significado convencional dos enunciados”<sup>15</sup> e seus componentes. Por meio da repetição, esses significados dependentes do contexto e canceláveis podem se tornar parte do significado convencional de uma expressão (VON MENGDEN & COUSSÉ, 2014: 3). Isso explica os novos significados que surgiram por meio do processo de apelativização, por exemplo, o uso convencional de Einstein, Don Juan, Casanova, Romeo etc. como um substantivo comum, referindo-se a uma característica particular.

**2.6.** No entanto, o uso de nomes e o uso da linguagem em geral têm várias outras propriedades que até agora receberam pouca atenção nas descrições cognitivas, embora possam ser explicadas por uma abordagem cognitiva funcional e podem até ser descritas como

---

<sup>14</sup> O uso metonímico de nomes próprios é bastante frequente. De acordo com alguns estudos de corpus, os topônimos aparecem com tal papel em 17% de todas as menções (nomes de países em 20% das menções) nos textos de língua inglesa examinados (MARKERT & NISSIM, 2006).

<sup>15</sup> “*in each usage event speaker and hearer engage in the negotiation of (new) meanings. The varying contexts of usage events invite the [communicative partners] to make inferences that interpret, enrich and modify the conventional meaning of utterances*”.

componentes de significado. O enraizamento social dos nomes e os significados sociais resultantes das diferentes variantes de nomes não podem ser ignorados. O uso de uma das diferentes variantes do nome, além de ativar a representação conceitual relacionada, também nos informa sobre a posição social dos falantes e seu status dentro do grupo, ou seja, usar uma determinada variante do nome pode expressar pertencimento a um grupo, comunidade, determinados grupos sociais, regiões etc., mas também se refere às relações dentro do grupo (SÁNDOR, 1999: 147; ACTON, 2014: 24-27), tais como relações entre parceiros comunicativos ou com o objeto da fala (assim como fazemos com nossa escolha entre variantes de qualquer outro elemento linguístico). Por exemplo, o ecotopônimo *Hajdúszoboszló* no leste da Hungria tem inúmeras variantes (por exemplo, *Hajdúszoboszló*, *Szoboszló*, *Szobi*, *Sznoboszló*, *Szoposzló*, *Szop city*, *Soap city*, *Soap*, *Szappan*, *Szappanváros*, *Gajdulatszoboszló*); além da forma oficial do nome, os locais costumam preferir uma das variantes informais ao falar entre si: *Szoboszló*, *Szobi*, *Szob*. Além disso, existem muitas outras variantes de nomes em uso dentro de certos grupos. Por exemplo, o nome ‘esnobe’ *Sznoboszló* é conhecido e usado na subcultura jovem. A variante do nome expressa uma atitude negativa porque a cidade não apoiou o pedido de construção de um campo esportivo para esportes radicais, assim, a cidade e a administração municipal passaram a ser chamadas de esnobes, conforme representado no próprio nome. Assim, o uso desta variante do nome expressa um sentimento de pertença ao grupo de jovens que utiliza este nome (GYÓRFFY, 2018: 129-130). Tal função social dos nomes próprios também está presente em situações cotidianas. Por exemplo, ao chamar alguém, digamos, um *Péter Kovács* que acabamos de conhecer, *Sr. Kovács* em vez de *Péter*, expressamos nosso relacionamento e nossa própria identidade de maneira diferente.

A linguística cognitiva cobre apenas parcialmente esse tipo de função de indicação de identidade de palavras e nomes com o conceito de perspectiva, o que indica que o significado

das palavras pode inerentemente transmitir um ponto de vista. Todavia, o significado social é algo diferente.

Sugiro que todos esses elementos de conhecimento podem ser incorporados à matriz de significado e à representação de palavras da linguística cognitiva. A nova perspectiva baseada no uso centrada na comunicação e a nova pesquisa sociolinguística cognitiva oferecem boas possibilidades, também para interpretar outros aspectos sociais da nomeação em uma estrutura cognitiva.

### **3. Categorização de nomes próprios**

**3.1.** A relação entre nomes próprios e substantivos comuns também é contestada, levando a algumas conclusões bastante extremas na literatura linguística, por exemplo, questionando se a categoria de nome próprio pertence ao sistema linguístico (BARABÁS, KÁLMÁN C. & NÁDASDY, 1977; cf. também a literatura internacional citada por MARKEY, 1982), o que pode soar sem sentido, mas é uma opinião existente.

**3.2.** De acordo com a abordagem cognitiva (LANGACKER, 1991; TOLCSVAI NAGY, 2008; SLÍZ, 2012; RESZEGI, 2021; 2022c), em nosso sistema mental, as palavras são organizadas em redes de categorias de palavras com base em suas semelhanças conceituais e suas semelhanças reconhecidas em forma, uso etc. Essas não são a priori categorias, mas emergem desde o primeiro ano, à medida que a criança constrói a linguagem com base em habilidades cognitivas, conhecimento conceitual existente e processamento do uso da linguagem (cf. LIEVEN, 2016). As crianças pequenas desenvolvem um conceito mais geral de COISA com base em suas experiências com objetos físicos, e os nomes desses objetos tornam-se os primeiros elementos da categoria de substantivo (LANGACKER, 2008: 103-104, TOLCSVAI NAGY, 2008: 31). As crianças pequenas desenvolvem um conceito mais geral de COISA com base em suas experiências com objetos físicos, e os nomes desses objetos tornam-se os primeiros elementos da categoria de substantivo (LANGACKER, 2008: 103-104,

TOLCSVAI NAGY, 2008: 31). A construção e a expansão das categorias de palavras serão significativamente influenciadas pelas informações gramaticais transmitidas pelos primeiros esquemas pivô<sup>16</sup> baseados em itens e esquemas mais abstratos posteriormente (TOMASELLO, 2009). As crianças constroem uma rede de construções nas quais, durante o desenvolvimento, os mapeamentos forma-significado e as representações de palavras tornam-se gradualmente mais interconectadas ao longo de várias dimensões baseadas em características pragmáticas, conceituais ou semânticas, baseadas em características baseadas na forma ou no som das palavras, e assim, surgem diferentes tipos de redes, com inclusão, em certo aspecto, das classes de palavras.

**3.3.** Os nomes próprios, uma vez que têm muitas das mesmas propriedades dos substantivos comuns, podem ser considerados elementos de uma categoria maior, a categoria dos substantivos, porque os nomes próprios também denotam coisas, geralmente objetos físicos discretos; e os nomes podem ser usados nas mesmas estruturas linguísticas que os substantivos comuns. Entretanto, os nomes também têm características específicas em relação aos substantivos comuns, porque são elementos linguísticos nos quais há uma referência ao tipo e, ao mesmo tempo, uma referência ao indivíduo (LANGACKER, 2008: 316-318). Os nomes formam uma rede especial dentro da categoria de substantivos com base em sua função de identificação específica, seu significado conceitual específico e características gramaticais. Com base nisso, podemos falar de duas redes dos elementos linguísticos dentro do sistema mental: além da rede do substantivo comum, que tem um significado lexical, podemos também identificar uma rede própria, o vocabulário onomástico (NYSTRÖM, 2016: 41).

No entanto, as duas redes dentro da categoria nominal não são independentes uma da outra, elas estão relacionadas pelos elementos substantivos comuns reconhecíveis que

---

<sup>16</sup> Na aquisição da linguagem, os esquemas pivô são os primeiros esquemas baseados em itens, que contêm um elemento relativamente estável com um espaço que pode ser preenchido, por exemplo, *Mais...! Eu quero ...!* (TOMASELLO, 2009).

compõem os nomes, e os nomes também estão ligados a outras classes de palavras (por exemplo, adjetivos). Esta relação é claramente apoiada por experimentos de priming sobre sobrenomes (VALENTINE, BRENNEN & BRÉDART, 1996: 72).<sup>17</sup> Assim, quando ouvimos ou lemos um nome, ou seja, quando processamos uma série de sons ou letras como um nome, isso imediatamente ativa nosso conhecimento da pessoa, lugar etc., a que se refere, ao mesmo tempo em que o léxico o significado dos elementos substantivos comuns reconhecidos no nome também é ativado, mesmo que não muito fortemente. Por meio dos elementos substantivos transparentes, o vocabulário onomástico está em conexão orgânica com os elementos substantivos comuns do léxico mental (NYSTRÖM, 2016: 42). Há uma relação orgânica e dinâmica entre os dois em ambas as direções.<sup>18</sup> As duas redes estão ainda ligadas por esquemas gramaticais cujo escopo inclui nomes comuns e nomes próprios.

O próprio vocabulário onomástico pode ser descrito como uma rede multidimensional internamente estruturada, dentro da qual surgem outras subcategorias ao longo de diferentes aspectos, principalmente de acordo com o tipo de referência baseada em categorias conceituais-semânticas, porque, novamente, a linguagem é uma forma de expressar categorias cognitivas. É assim que podemos falar sobre nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes de animais, nomes de marcas e assim por diante. E essas categorias podem ter características gramaticais específicas em cada língua ou variedade linguística (isso também varia ao longo do tempo dentro da mesma língua; sobre nomes próprios alemães ver NÜBLING, 2017).

**3.4.** Uma característica essencial deste modelo é que todo o sistema cognitivo e dentro dele toda a rede do vocabulário onomástico é organizada prototipicamente, o que exerce uma influência tanto no nível das categorias quanto no nível dos elementos dentro das categorias.

---

<sup>17</sup> Esses experimentos mostram que palavras introduzidas como um sobrenome (por exemplo, Baker) também acionam automaticamente a semântica dos apelativos correspondentes, como evidenciado pelo fato de que, após a introdução do sobrenome, as decisões semânticas sobre palavras relacionadas ao apelativo correspondente são feitas mais rapidamente (cf. VALENTINE, BRENNEN & BRÉDART, 1996: 72).

<sup>18</sup> Podemos usar um apelativo como um nome próprio cruzando “o limite do nome próprio” (cf. Fabre, 1980), mas nomes próprios também podem ser usados em uma função apelativa.

As características do nome prototípico na cultura ocidental foram coletadas por Mariann Slíz; com base em seus resultados, o nome mais parecido com um nome é uma única palavra, é usado como um substantivo na frase, não é transparente, é usado com muita frequência, é singular, e a coisa que denota é em si típica, frequentemente o encontramos (2012: 283-285). Dentro do vocabulário onomástico, existem categorias de nomes prototípicos e, sem dúvida, nomes de pessoas e nomes de lugares estão entre eles. Distinguir e denotar companheiros de grupo é um traço comportamental humano fundamental, e a espacialidade associada a objetos passivos é também uma categoria fundamental do pensamento humano, segundo a etologia (MIKLÓSI, 2005: 53). Portanto, as duas classes básicas de nomes próprios, nomes de pessoas e nomes de lugares são presumivelmente universais linguísticos e antropológicos.

O conceito de tipicidade dentro da categoria de nomes próprios não é uma ideia nova no campo da onomástica. Willy Van Langendonck distinguiu dois grandes grupos de nomes: nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes de animais, nomes de furacões, nomes de objetos astronômicos, nomes de edifícios e navios e nomes de organizações e associações são nomes prototípicos; enquanto nomes temporais, nomes de obras de arte, livros, periódicos, filmes, nomes de instituições relacionadas a edifícios, nomes comerciais e de marcas, nomes de moedas, números, letras, nomes de idiomas, cores e doenças não são prototípicos (2007: 184-246). Em vez de um sistema bipolar, Mariann Slíz sugere um continuum para descrever a tipicidade dos diferentes tipos de nomes, com nomes próprios típicos de um lado e substantivos comuns típicos do outro, com uma transição entre os dois. Nomes de instituições, etnias, títulos, nomes de marcas (também nomes de furacões para falantes de húngaro) podem estar nesta zona de transição. A organização do continuum dos diferentes tipos de nomes não é universal (2012: 284-285), e o ambiente sociocultural afeta principalmente as categorias no meio do continuum. Kerstin Jonasson apresentou a ideia de uma configuração de categoria de nomes próprios radiais representada pelos membros mais prototípicos (1994: 22-24).

É ainda melhor modelar o léxico mental como uma rede multidimensional, dentro da qual as representações mentais de nomes são organizadas em subredes de tipos de nomes. Assim, os nomes adquiridos mais cedo desempenham um papel central – a rede começa a surgir em torno deles. Nomes e estruturas de nomes usados com frequência são fortemente incorporados no vocabulário onomástico. Eles são fortemente conectados e se tornam os nomes típicos para um determinado tipo de nome. A frequência geral de uma categoria (frequência de tipo) também aumenta a tipicidade dessa categoria. Esses nomes e tipos de nomes representam toda a categoria de nomes próprios. As categorias de nomes de pessoas e nomes de lugares, e dentro delas, os nomes frequentes e convencionais são nomes prototípicos em todas as culturas; são os primeiros nomes que vêm à mente e levam menos tempo para processar. No contexto cultural europeu, esses são nomes tipicamente não transparentes. Isso depende, porém, dos parâmetros espaço-temporais.

O status menos típico ou mesmo periférico de nomes e tipos de nome pode simplesmente resultar de seu uso menos frequente ou mesmo raro, com links menos fortes para a rede de nomes próprios (como os nomes de furacões no caso de falantes de húngaro). Outros nomes têm vínculos mais fortes com substantivos comuns (devido às suas características formais e de uso) e fazem parte da sobreposição entre as redes de substantivos comuns e o vocabulário onomástico, considerados nomes menos típicos no contexto cultural europeu. Por exemplo, falantes de húngaro têm dificuldade em avaliar o status de nome próprio de designações idênticas a substantivos comuns geográficos, como ‘montanha’ *Hegy* ou ‘colina’ *Domb*. De acordo com Paula Sjöblom, “no limite, a categorização depende, em última instância, do contexto em que a palavra ocorre e do falante individual”<sup>19</sup> (2006: 73), mas o status de um elemento pode ser ambíguo mesmo no contexto, em alguns casos os falantes podem usar elementos linguísticos sem decidir sobre o status deles (DE STEFANI, 2016: 57-65). Além das

---

<sup>19</sup> “*categorization on the boundary depends ultimately on the context in which the word occurs and on the individual speaker*”.

características semânticas, as tradições culturais e até mesmo a ortografia podem influenciar a posição dos nomes.

Como indicam os resultados experimentais psicolinguísticos e neurolinguísticos, os nomes de marcas são representados nos limites entre as redes de nome comum e nome próprio. Tais nomes denotam um produto e o categorizam em uma classe, ou de outra perspectiva, denotam a classe e cada amostra dessa classe, o que significa que na representação de nomes de marcas o componente de significado de tipo pode ser considerado mais predominante, e isso os torna semelhantes a substantivos comuns. Por outro lado, devido à singularidade e procedimento de nomeação do ato de nomeação, eles também se aproximam dos nomes próprios (BERGER, 1976; RESZEGI, 2021). Todavia, mesmo dentro dessa categoria, há diferenças entre nomes transparentes e não transparentes nesse aspecto (HILLENBRAND et al., 2013).

Os limites dos diferentes tipos de nomes próprios também são confusos (por exemplo, as redes de nomes de lugares e nomes de instituições se sobrepõem). Além disso, uma forma de nome pode fazer parte de vários tipos de nomes e várias subcategorias, por exemplo, *Gyula* é um antropônimo e um topônimo, *Szolnok* é um ecotopônimo e um nome de condado, *Sárospatak* é o ecotopônimo e um riacho na Hungria. Claro, pode haver uma diferença entre eles considerando sua tipicidade nas diferentes subredes, e se o contexto não dá uma indicação precisa da natureza da denotação, eles são interpretados de acordo com o uso mais típico (SLÍZ, 2012: 401).

As categorias de nomes emergem do uso da linguagem, dos elementos, com base em características comuns. Por exemplo, com base em características comuns reconhecidas, ecotopônimos estão intimamente representados no léxico mental, criando uma rede, e da mesma forma nomes de montanhas, nomes de água, nomes de ruas etc. Os elementos de uma subcategoria também compartilham características com elementos de outras subcategorias



(geralmente denotam um lugar, identificam-no, têm traços gramaticais em comum etc.), esses traços compartilhados organizam a categoria de nome de lugar. Os nomes de lugares compartilham a função de identificação com nomes de pessoas, nomes de animais etc., juntos eles formam a categoria de substantivos próprios. Os diferentes nomes têm função sintática semelhante aos substantivos comuns, podem receber terminações ou prefixos semelhantes e denotam coisas, podendo ser considerados como elementos de uma categoria comum, a categoria de substantivo. Esse tipo de estrutura interna é o resultado de um longo desenvolvimento, cujas bases são lançadas na primeira infância, e essa rede inicial é gradualmente ampliada pela adição de novos nomes e tipos de nomes e pelo conhecimento deles. O vocabulário onomástico permanece dinâmico mesmo após o período mais intenso de aquisição da linguagem, por isso somos capazes de aprender novos nomes, novos tipos de nomes ao longo de nossas vidas.

**3.5.** Essa rede dinâmica processa os nomes próprios dos enunciados. E para o funcionamento do vocabulário onomástico, tanto os nomes representados quanto os esquemas mais gerais que são generalizados a partir de nomes tornam-se relevantes. Para designar esse conhecimento, o termo *modelo de nome* é usado na literatura onomástica cognitiva húngara.<sup>20</sup> O modelo de nome que determina todos os aspectos da atribuição e uso de nomes em vários níveis também afeta nossa atitude em relação aos nomes, como processamos os nomes e que tipo de expectativas temos em relação aos nomes. O modelo de nome é nosso conhecimento geral sobre nomes, que inclui todos os nomes e esquemas. Porém, não é apenas o conhecimento dos nomes que é importante no funcionamento do modelo de nomes, pois em nossas mentes os nomes não são armazenados como uma lista, mas sim em uma rede onde alguns deles são mais

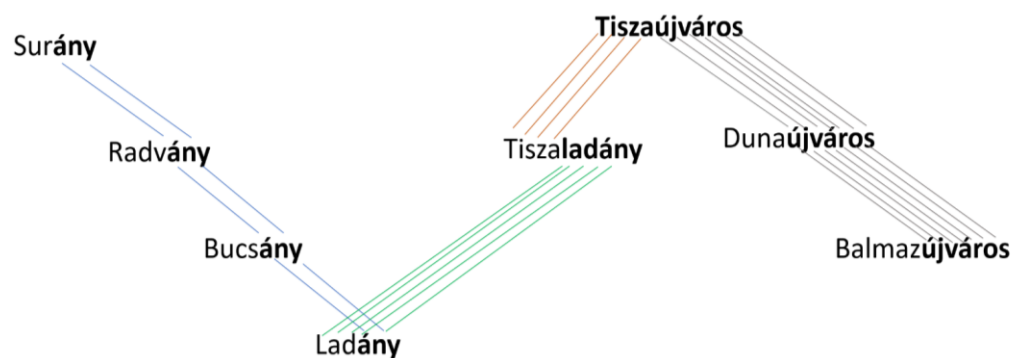
---

<sup>20</sup> Outros termos também são usados para descrever diferentes aspectos desse fenômeno: cf. frame onímico (KARPENKO, 2006), para nomes de lugares ver norma toponímica, consciência do nome, competência onímica nome, competência toponímica (NICOLAISEN, 1978: 46; HOFFMANN, 2007: 34-35; BRINK, 2016: 159; GYÓRFFY, 2018: 108-127).

importantes talvez por sua frequência ou porque eles ou seus referentes têm fortes ligações emocionais. Isso é representado no nível da mente pelo número e pela força das relações entre os elementos de conhecimento que representam o nome. E, claro, esses nomes também têm um efeito de modelo mais forte. Aqui, porém, também precisamos considerar os diferentes efeitos da frequência token e da frequência type, o que explica as diferenças e variações na produtividade dos diferentes tipos de nomes.

**3.6.** A representação mental de nomes e sua funcionalidade específica também pode ser bem descrita pelo conceito de unidade linguística em linguística cognitiva. Os nomes são normalmente usados como uma unidade em enunciados, não requerem processamento analítico; mas, no nível das representações, existe algum tipo de análise baseada em analogia, representação de relações ao longo das linhas de elementos reconhecidos e isso se torna a base para outro tipo de categorização de nomes próprios. Como argumenta Joan Bybee (1998), tokens reais são usados na memória, mas a estrutura interna é derivada de conjuntos de conexões feitas entre palavras (nomes) que têm partes relacionadas ou semelhanças reconhecidas. Os falantes de húngaro, por exemplo, podem reconhecer desinências semelhantes nos ecotopônimos *Surány*, *Radvány*, *Bucsány*, *Ladány* e podem considerar a desinência *-ány* como uma espécie de designação que se trata de topônimos, ou seja, um formante. As generalizações ou esquemas emergentes também podem ser usados para produzir novas combinações.

Figura 4 *A generalização emergente de esquemas no vocabulário onomástico*



### **Considerações finais**

A visão geral demonstra não apenas o fato de que a abordagem cognitiva pode ser usada efetivamente em diversas áreas da onomástica, mas que esse tipo de relação, reinterpretando o conhecimento revelado sobre nomes em um quadro cognitivo, também enriquece a linguística cognitiva com novos aspectos.

No entanto, a descrição da representação mental e do significado dos nomes próprios também revela as lacunas da estrutura cognitiva devido ao seu foco no sistema cognitivo, por exemplo, o conceito de significado social e os aspectos sociais do uso da linguagem em geral só recentemente vieram à tona. Da mesma forma, os dados linguísticos históricos receberam pouca atenção na linguística cognitiva, embora o processo de mudança da linguagem seja particularmente bem descrito nessa estrutura. É por isso que os desenvolvimentos recentes na linguística cognitiva são tão significativos e podem fortalecer ainda mais o vínculo entre a linguística cognitiva e a onomástica e fornecer novas oportunidades para a onomástica cognitiva. Os primeiros passos foram dados para buscar vínculos com a sociolinguística (PÜTZ, ROBINSON & REIF, 2014). De forma similar, os linguistas cognitivos se esforçam para encontrar a ligação com a linguística histórica, ou seja, para reinterpretar as mudanças linguísticas – mudanças de significado, frequência e produtividade, gramaticalização – como mecanismos cognitivos baseados no uso (HILPERT, 2015). Essa expansão da linguística cognitiva promete uma estrutura linguística cognitiva que pode incorporar os resultados da

pesquisa em onomástica histórica, etimologia, bem como socio-onomástica. Com isso, poderemos compreender os diferentes aspectos da nomeação como parte do sistema cognitivo e no nível dos grupos sociais, tudo dentro de um único quadro linguístico.

Recebido em 07/02/2023

Aceito em 26/04/2023

Publicado em 26/04/2023

## Referências

- Acton, E. K. (2014). *Pragmatics and the social meaning of determiners*. Doctoral thesis. Manuscript. Stanford University. <https://www.emich.edu/english/faculty/documents/suthesisacton.pdf> (02. 04.2018.)
- Ainiala, T., Saarelma, M. & Sjöblom, P. (2016). Place Names. In Ainiala, T., Saarelma, M. & Sjöblom, P. (Eds.), *Names in Focus. An Introduction to Finnish Onomastics*, 63-123. Helsinki, SKS.
- Aleksieieva, N. (2021). Associative Identification of Proper Names: A Cognitive Approach. *WISDOM*, 2(18), 194-203. <https://doi.org/10.24234/wisdom.v18i2.507>
- Aldrin, E. (2016). Names and Identity. In Hough, C. (Ed.), *The Oxford Handbook of Names and Naming* (pp. 382-394). Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.013.24>
- Barabás, A., Kálmán C., G. & Nádasdy, Á. (1977). Van-e a magyarban tulajdonnév? [Is there a proper name category in Hungarian?] *Nyelvtudományi Közlemények*, 79, 135-155.
- Berger, D. (1976). Zur Abgrenzung der Eigennamen von den Appellativen. *Beiträge zur Namenforschung*, 11, 375-387.
- Brink, S. (2016). Transferred Names and Analogy in Name-formation. In Hough, C. (Ed.), *The Oxford Handbook of Names and Naming* (158-166). Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.001.0001>
- Brozović Rončević, D. & Žic Fuchs, M. (2005). Metaphorical processes as the basis of proper names. *Quaderni Internazionali di Rivista italiana di onomastica: RION International Series*, 1, 33-44.
- Bybee, J. (1998). The Emergent Lexicon. *CLS 34: The Panels*, 421-435.
- Bybee, J. (2006). *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195301571.001.0001>
- Bybee, J. (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>
- Coates, R. (2012). Eight issues in the pragmatic theory of properhood. *Acta Linguistica Lithuanica*, 66, 119-140.
- Croft, W. (2001). *Radical Construction Grammar: Syntactic theory in typological perspective*.

Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1075/sl.27.3.10san>

De Stefani, E. (2016). Names and Discourse. In Hough, C. (Ed.), *The Oxford Handbook of Names and Naming* (pp. 52-66). Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.013.48>

Dobrić, N. (2010). Theory of Names and Cognitive Linguistics — the Case of the Metaphor. *Filozofija i društvo*, 2010(1), 135-147. <https://doi.org/10.2298/FID1001135D>

Fabre, P. (1980). Théorie du nom propre et recherche onomastique. *Cahiers de praxématique : Théories et fonctionnements du nom propre*, 8, 9-25. <https://doi.org/10.4000/praxematique.1383>

Forgács, J. (1999), *A társas érintkezés pszichológiája [The Psychology of Social Interactions]*. Budapest, Kairosz Kiadó.

Gardner, H. (1992). *Dem Denken auf der Spur. Der Weg der Kognitionswissenschaft*. Stuttgart, Klett-Cotta.

Głaz, A. (2017). The linguistic sign: Metonymy and virtuality. *Linguistik Online*, 80(1). <https://doi.org/10.13092/lo.80.3565>

Györffy, E. (2018). *Helynév-szociológia [Place name sociology]*. Debrecen, Debreceni Egyetemi Kiadó.

Hansack, E. (2004). Das Wesen des Namens. In: Brendler, A. & Brendler, S. (Eds.), *Namenarten und ihre Erforschung. Ein Lehrbuch für das Studium der Onomastik* (pp. 51-65). Hamburg, Baar.

Heinrich, A. (2000). *Szaniszló helynevei kognitív nyelvészeti megközelítésben [Place names of Szaniszló from a cognitive approach]*. MA thesis. Manuscript. Kolozsvár.

Hillenbrand, P. et al. (2013). Better branding: brand names can influence consumer choice. *Journal of Product and Brand Management*, 22, 300-308. <https://doi.org/10.1108/JPBM-04-2012-0120>

Hilpert, M. (2015). Historical linguistics. In Dąbrowska, E. & Divjak, D. (Eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics* (pp. 346-366). Berlin, De Gruyter Mouton.

Hoffmann, I. (2007). *Helynevek nyelvi elemzése [The linguistic analysis of place names]*. Budapest, Tinta Könyvkiadó.

Jespersen, O. (1924/1992). *The Philosophy of Grammar*. Chicago & London, University of Chicago Press.

Jonasson, K. (1994). *Le nom propre. Construction et interpretations*. Louvain-la-Neuve, Duculot.

Karpenko, E. (2006). *Когнітивна ономастика як напрямок пізнання власних назв. [Cognitive onomastics as a direction of proper names cognition, in Ukrainian]*. Doctoral thesis. Manuscript. Одеса. <http://karpenko.in.ua/wp-content/uploads/2012/12/disser-key.pdf> (01.09.2022.)

Kiviniemi, E. (1975). *Paikanniemi rakennetyypeistä [On structural types of place-names]*. Suomi 118. Helsinki, Suomalaisen Kirjallisuuden Seura.

Kövecses, Z. (2018). Metonymy: A New Look. In Kövecses, Z., *Ten Lectures on Figurative Meaning-Making: The Role of Body and Context* (pp. 66-75). Brill. [https://doi.org/10.1163/9789004364905\\_007](https://doi.org/10.1163/9789004364905_007)

Kripke, S. A. (1972). Naming and necessity. In Davidson, D. & Harman, G. (Eds.), *Semantics of natural language* (pp. 253-355). Boston, D. Reidel.

Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. University Chicago Press, Chicago.

F. Lánicz, É. (2011). A tulajdonságra utaló családnevek kognitív nyelvészeti megközelítésben [Surnames referring to characteristics from a cognitive approach]. *Névtani Értesítő*, 33, 29-38.

Langacker, R. W. (1987). *Foundation of cognitive grammar 1*. Stanford, California, Stanford University Press.

Langacker, R. W. (1991). *Foundation of cognitive grammar 2*. Stanford, California, Stanford University Press.

Langacker, R. W. (2008). *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

Leino, A. (2006). Place-names as constructions. *Onoma*, 41, 215-235.

Leino, A. (2007). Construction Grammar in onomastics: the case of Finnish hydronyms. In Bremer, D., Bani, M., Belli, F. & Paolini, M. (Eds.), *I Nomi Nel Tempo e Nello Spazio- Atti del XXII Congresso Internazionale di Scienze Onomastiche. Pisa, 28 agosto-4 settembre 2005. 1* (pp. 297-309). Pisa, Edizioni ETS.

Lieven, E. (2016). Usage-based approaches to language development: Where do we go from here? *Language and Cognition*, 8, 346-368. <https://doi.org/10.1017/langcog.2016.16>

Lőrincze, L. (1947). *Földrajzineveink élete [Life of geographical names]*. Budapest, Teleki Pál Tudományos Intézet Néptudományi Intézete.

Markert, K. & Nissim, M. (2006). Metonymic Proper Names: A Corpus-based Account. In Stefanowitsch, A. & Gries S. Th. (Eds.), *Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy* (pp. 152-174). Berlin, De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110199895.152>.

Markey, T. L. (1982). Crisis and Cognition in Onomastics. *Names*, 30(3), 129-142.

von Mengden, F. & Coussé, E. (2014). The role of change in usage-based conceptions of language. In Coussé, E. & von Mengden, F. (Eds.), *Usage-based approaches to language change* (pp. 1-19). Amsterdam, Benjamins. <https://doi.org/10.1075/sfsl.69.01men>

Miklósi, Á. (2005). Szociális kogníció: neurális alapok, plaszticitás és evolúció [Social cognition: neural bases, plasticity and evolution]. *Magyar Tudomány*, 2005, 53-63.

Mill, J. S. (1872). *System of Logic: ratiocinative and inductive*. Eighth edition. London, Longmans, Green, Reader and Dyer.

Miller, G. A. (2003). The cognitive revolution: a historical perspective. *TRENDS in Cognitive Sciences*, 7(3), 141-144. [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(03\)00029-9](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(03)00029-9)

Nicolaisen, W. F. H. (1978). Are there Connotative Names? *Names*, 26, 40-47.

Novikova, O. N. (2018). Потенциал взаимодействия ономастики с нейронауками. [Potential for interaction of onomastics with neurosciences] *Philological Sciences. Issues of Theory and Practice. Грамота* 5(2), 371-374.

Nübling, D. (2017). The growing distance between proper names and common nouns in German: On the way to onymicschema constancy. *Folia Linguistica*, 51 (2), 341-367. <https://doi.org/10.1515/flin-2017-0012>

Nyström, S. (2016). Names and Meaning. In Hough, C. (Ed.), *The Oxford Handbook of Names and Naming* (pp. 39-51). Oxford, Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199656431.013.26>

Onchoke, A. S. (2018). A Cognitive Linguistics Study of Ekegusii Onomastics: The Case of the Metaphor. *Linguistics and Literature Studies*, 6(2), 88-98. <https://doi.org/10.13189/lls.2018.060206>

Pütz, M., Robinson, J. A. & Reif, M. (Eds.) (2014). *Cognitive Sociolinguistics. Social and cultural variation in cognition and language use*. John Benjamins.

Rachut, K. (2021). The cognitive aspects of literary communication and literary proper names: a theoretical framework for literary proprial concepts. *HETEROGLOSSIA. Studia kulturoznawczo-filologiczne*, 11, 151-164.

Reszegi, K. (2016). The Acquisition of Place Names in Mother Tongue Learning: Some Observations on Children's Spatial Cognition. *Voprosy onomastiki*, 13(2), 7-22. [https://doi.org/10.15826/vopr\\_onom.2016.13.2.015](https://doi.org/10.15826/vopr_onom.2016.13.2.015)

Reszegi, K. (2018a). A nevek jelentésszerkezete (funkcionális kognitív keretben). [The meaning structure of names using a functional cognitive approach] *Magyar Nyelvjárások*, 56, 5-23. <https://doi.org/10.30790/mnyj/2018/01>

Reszegi, K. (2018b). Mental Aspects of Proper Names. *Onomastica Uralica*, 10, 149-167.

Reszegi, K. (2018c). On the proper-name-to-appellative transformation. *Rivista Italiana di Onomastica*, 24, 25-46.

Reszegi, K. (2019). A névformánssal való névalkotás (kognitív nyelvészeti keretben). [Name giving using name formant: a cognitive linguistic analysis] *Magyar Nyelvjárások*, 57, 31-50. <https://doi.org/10.30790/mnyj/2019/02>

Reszegi, K. (2020). Toponyms and Spatial Representations. *Onomastica*, 64, 23-39. <http://dx.doi.org/10.17651/ONOMAST.64.4>

Reszegi, K. (2021). The Mental and Neural Representation of Names: A Cognitive and Economic Point of View. In Leibring, K. et al. (Eds.), *The Economy in Names: Values, Branding and Globalization*, 119-132. Uppsala, Department of Archives and Research, Uppsala, Institute for Language and Folklore.

Reszegi, K. (2022a). Metonymic name giving from a cognitive perspective. *Acta Onomastica*, 63(1), 206-225.

Reszegi, K. (2022b). A cognitive approach in onomastics: some notes on metaphorical place names. *Voprosy Onomastiki*, 19(1), 235-244. [https://doi.org/10.15826/vopr\\_onom.2022.19.1.012](https://doi.org/10.15826/vopr_onom.2022.19.1.012)

Reszegi, K. (2022c). *Kognitív szemléletű névtudományi vizsgálatok*. [Cognitive approach in onomastics] Debrecen, Debreceni Egyetemi Kiadó.

Reszegi, K. & Kenyhercz, R. (2023). A cognitive linguistic study of descriptions of borders in medieval charters. In print.

Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In Rosch, E. & Lloyd, B. B. (Eds.), *Cognition and Categorization* (pp. 27-48). New York, Halsted Press.

Sándor, K. (1999). Szociolingvisztikai alapismeretek. [Introduction to sociolinguistics] In Galgóczi, L. (Ed.), *Nyelvtan, nyelvhasználat, kommunikáció*, 135-171. Szeged, JGYTF Kiadó.

Shulska, N., Hromyk, Y. & Yavorskyi, A. (2018). The cognitive nature of Ukrainian nickname construction. *Cognitive Studies*, 18, Article 1544. <https://doi.org/10.11649/cs.1544>

Sjöblom, P. (2006). A cognitive approach to the semantics of proper nouns. *Onoma*, 41, 63-82.

Slíz, M. (2008a). Kognitív történeti névtan? A családnevek kialakulásának kérdése kognitív szemantikai keretben. [Cognitive historical onomastics? Cognitive semantic analysis of the formation of surnames] In Kuna, Á. & Veszelszki, Á. (Eds.), *Az ELTE Nyelvtudományi Doktori Iskola 3. Félévén Konferenciájának előadásai* (pp. 228-241). Budapest.

Slíz, M. (2008b). Melyiket a négy közül? A családnevek kialakulásának kérdése kognitív szemantikai keretben. [Which one of the four? Cognitive semantic analysis of the formation of surnames] In Bölcskei, A. & N. Császi, I. (Eds.), *Név és valóság. A VI. Magyar Névtudományi Konferencia előadásai* (pp. 468-474). Budapest.

Slíz, M. (2012). Tulajdonnév és kategorizáció. [Proper name and categorization] *Magyar Nyelv*, 108, 282-291, 400-410.

J. Soltész, K. (1979). *A tulajdonnév funkciója és jelentése*. [The function and meaning of proper names] Budapest, Akadémiai Kiadó.

Szilágyi N., S. (1996). *Hogyan teremtsünk világot? Rávezetés a nyelvi világ vizsgálatára*. [How to create world? Introduction to the study of linguistic world] Kolozsvár, Erdélyi Tankönyvtanács.

Szilágyi N. S. (2006). *A jelentésvilág szerkezete*. [The structure of meaning] In Hitseker, M. & Szilágyi, Z. (Eds.), *Mindentudás Egyeteme 5* (pp. 213-237). Budapest, Kossuth Kiadó.

Taylor, J. R. (2002). *Cognitive Grammar*. Oxford University Press.

Tolcsvai Nagy, G. (2008). A tulajdonnév jelentése. [Meaning of proper name] In Bölcskei, A. & N. Császi, I. (Eds.), *Név és valóság. A VI. Magyar Névtudományi Konferencia előadásai*, 30-41. Budapest.



Tomasello, M. (2009). The Usage-based theory of language acquisition. In Bavin, E. L. (Ed.), *The Cambridge Handbook of Child Language*, 69-87. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316095829.005>

Valentine, T., Brennen, T. & Brédart, S. (1996). *The Cognitive Psychology of Proper Names. On the importance of being Ernest*. London-New York, Routledge.

Van Langendonck, W. (2007). *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin-New York, De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

Van Langendonck, W. (2013). A Semantic-Pragmatic Theory of Proper Names. *Acta Linguistica Lithuanica*, 69, 99-129.

Yee, E. (2017). Fluid semantics: Semantic knowledge is experience-based and dynamic. In Lahiri, A. & Kotzor, S. (Eds.), *The Speech Processing Lexicon: Neurocognitive and Behavioural Approaches*, 236-255. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110422658-012>.